

BRITTO, Waleska Lopes de Almeida. O Silêncio na Dança. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; professor assistente.

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo investigar o urgir do silêncio no movimento. A presentificação daquele se dá no exercitar do questionamento, cuidando dele para que todo mover seja a interpretação como escuta e fala do silente no corpo-intérprete. A metodologia consiste na busca de tornar presença – nomear – a dinâmica silenciosa que torna todo movimento possível. A argumentação teórica é baseada no olhar de Felipe Forain sobre o silêncio e também parte do pensamento de Igor Fagundes acerca da referência entre ser e dança. Tanto Forain quanto Fagundes dialogam com a obra filosófica de Martin Heidegger. Dessa maneira, a potência do interpretar nasce da imediata ação disto que se faz presente, do que – como presença – se põe.

Palavras-chave: Silêncio. Intérprete. Movimento. Presença.

ABSTRACT

This study aims to investigate the urgency of silence in the movement. Silence makes itself present in the exercise of questioning, which requires attention so that every movement can be made as an interpreting activity of listening and speaking of the silent in the performer-body. The methodology seeks to turn into presence the silent dynamics that make every movement possible – in other words, give them a name. The theoretical argumentation is based on Felipe Forain's analysis of silence as well as Igor Fagundes' reflections on being and dance. Both Forain and Fagundes establish a dialogue with the philosophical work of Martin Heidegger. Thus, the power of interpretation comes from the immediate action of what is made present, what – as presence – is put.

Key words: Silence. Performer. Movement. Presence.

Por que investigar o silêncio? Podemos, nesse primeiro momento, começar essa investigação refletindo o silêncio como uma palavra, no sentido que Castro lhe atribuiu: “A vida é para ser experienciada. Ao menos pode-se falar dela. [...] Porém, uma tal fala nada adiantará se não se fizer uma experiência de palavra como palavra de vida.” (CASTRO, 2011, p. 170). Assim, podemos sentir que o silêncio se faz experienciando-se e, como experiência, já nos lança nas possibilidades, na potência, que será palavra de vida.

Contudo, tendo o silêncio como questão, o que ainda pode nos incomodar seriam as dificuldades normais da pesquisa, mas Forain contribui nos revelando: “Pode-se falar do silêncio como se pode falar de qualquer coisa. Afinal, resguardado no invólucro da palavra, o silêncio é um conceito conhecido de todos nós. Trata-se de um fenômeno comum em nossas vidas: na lida cotidiana” (FORAIN, 2011, p. 368).

Mas como fazer essa experiência de vida – o silêncio como palavra de vida – em meio às múltiplas possibilidades de modos de conduzir uma vivência? A realidade, afinal, afeta as pessoas de maneira imprevisível em, pelo menos, alguns momentos. É possível que tal experiência possa vir a se constituir como uma degradação, escorrer num desfiladeiro de instantes degradantes. No entanto, desses instantes

também brotam, por um questionar próprio, um pensar como possibilidade, procura do olhar qualitativo dos instantes vivenciados. É como esbarrar nas urgências de harmonias, nas buscas de sínteses, de momentos de potências. Mas Forain revela: “O grande estranhamento aqui deverá ser o fazer do silêncio uma questão digna de questionamento.” (FORAIN, 2011, p. 369).

Assim, se procurarmos a partir do desequilíbrio – que surge nas aleatoriedades e imprevisibilidades da procura da potência – o equilíbrio, conduzindo as forças atuantes desses instantes em direção a uma tensão produtiva, poderemos vislumbrar um caminho para a qualidade, que aqui nesse ensaio consiste em trilhar em um sentido a partir da busca da possibilidade de realização poética. Lembremos que essa procura pela qualidade já nos faz presenciar, a partir da existência de uma violação que nasce da urgência de ser possibilidade de realização poética. Castro nos revela que “nem tudo pode ser definido na vida, a começar pela própria vida. Qualquer definição de vida é já violência.” (CASTRO, 2011, p. 170). Já podemos começar a vislumbrar que se trata, então, de procurar do desequilíbrio, manter uma escuta a partir da tensão das diferenças.

Vamos, a partir daqui, tomar premente o penetrar na experienciação do pensar que age enquanto pensa, e procurar mantermo-nos no repousar desse movimento, na dinâmica da ação das tensões do repouso, sabendo que sua fonte originária é o agir do silêncio como palavra de vida, em meio a e imprevisibilidades que urgem de uma violação que cada um é enquanto movimento, nos colocando numa correnteza da procura pela *qualidade*, essencialmente na possibilidade de realização poética, nos movimentos das tensões existentes dos repousos, do pousar. Castro fala “É uma graça que vem da renúncia, onde renunciando e só renunciando se tem mais: a posse do que nos foi dado e doado como o que nos é próprio.” (CASTRO, 2011, p. 171).

Contudo, Igor Fagundes nos revela que a linguagem “Não está, assim, *a priori*, a serviço do pensamento; antes, é este que se põe a seu serviço, como o cuidado dela mesma, nela mesma. [...] para desejarmos e procurarmos qualquer explicação, razão ou significado para algo, este já se fez sentido, se fez presente, passou pela linguagem” (FAGUNDES, 2013a, p. 1). Nesta ambiência, surge a potência do consumir-se, não restando começo nem fim, mas, sim, a possibilidade da queda na fonte dessa escuta, daquilo que não há além do imediato, para a permissão da fala como silêncio que carrega a potência de tudo o que se diz. Dessa maneira, linguagem se torna escuta antes mesmo de tornar-se uma fala.

Nessa potência de tensões de repouso e retorno na linguagem que é escuta antes do dizer, neste abismo, nada, urge o silêncio. Forain atribui: [...] o silêncio experimentado é aquele do espaço vazio, onde a ausência de ruídos torna possível ouvir o som do mar quebrar na areia ou o grilo cricrilar a distância” (FORAIN, 2011, p. 369). Nesse experimentar pode-se vislumbrar um corpo em potência de linguagem num revelar-se obediente de escuta, no florescer de um habitar. A resposta vem de um apelo, por auscultar e dar passagem àquilo a que se pertence. É o habitar o mar de tensões das diferenças, encontrar na violação do que se dá o que cada um é enquanto um habitar originário, o silêncio. Presentificar a fala que o corpo é. Fazer com que se dê nesse corpo o que ele já é. Fagundes afirma “Tal fazer-aparecer compreende um desvelamento: somente dizemos e mostramos o que

se mostra em nós; o que em nós se desvela e nos desvela como obra disto” (FAGUNDES, 2013a, p. 1).

É na ação, na dinâmica da ação das tensões, em uma proveniência do sentido dessa ação, que arde esse habitar como corpo no intérprete de dança, pois foi permissivo tocar-se pela linguagem, num fazer que experiência o fenômeno enquanto linguagem.

Esse corpo habitado nasce como um palco de dizeres, mas só será dizer em ato de leitura “[...] desde um interpretar como ação imediata.” (FAGUNDES, 2013b, p. 1). A cada questionamento e pelo cuidado de fazê-lo pela leitura desse corpo habitado, o intérprete de si se faz. No movimento do que é, está em ato de interpretação no seu corpo permissivo de linguagem, no qual o texto-dança vai se desvelando a cada pouso e repouso próprio, a que pertence o movimento de interpretar-se.

No pulsar de cada instante do interpretar-se, o corpo perfaz sentido, valor, presença, enquanto co-move e re-move. Ganha força, pois salvaguarda encontros, no desafio de abrir-se aos movimentos com o que já é, na alegria de ser, pelo afeto, mas também a partir do que não é, pelo urgir do que não foi dito, no silêncio disso, porque ainda está para ser, e isso quer dizer: para ser *interpretado*. Conforme Fagundes, “Ser-no-mundo é plenamente o desvelo ininterrupto do sentido [...]” (FAGUNDES, 2013b, p. 2)

Corpo habitado, obediente na escuta de si, permissivo de violação, corpo em potência se torna silêncio. Pois, a cada ação desse corpo que já se faz intérprete uno por ser diverso, parte a parte em seu todo latente move-se perguntando o lugar. Arde em questionar cada impulso originário, pois urge na matéria do lugar que não há. A força desse impulso se faz presença pelo eterno interpretar no lugar que já se foi. É passagem de força em instantes constantes que, na sua violência intensifica e ameniza, acelera e recua, num tráfego que dinamiza, faz o corpo dançar.

É preciso saber silenciar para entranhar-se na solidão e desaprender o habitual e o coletivo não para rejeitá-los, mas para conhecer seu devido lugar no curtíssimo espaço da vida, lugar este cujo cultivo não tem nenhuma recompensa senão o próprio cultivo. É preciso saber silenciar para que nesse processo o indivíduo possa pôr em movimento o movimento próprio de sua presença no mundo. Silenciar é dialogar consigo no cuidado com o que lhe pertence [...]. (FORAIN, 2011, p. 375)

O corpo em sua origem de dançar, no seu universo de presenças questionáveis, é habitado no todo em espaços, formas, dinâmicas, tempos. Transforma a forma de como se transformar no ato de dizer-se movimento dançado, poético, por isso silencioso por origem. Move-se por entre as coisas que se foram para caminhar no silenciar de um dizer-se. Interpreta suas potências a partir de forças que impulsionam o movimento do falar no movimentar-se físico em presentificação.

É o silêncio da ação do próprio movimento, em corpo-intérprete, que se intensifica em linguagem, por vagar nas buscas do estar habitado, fazendo brotar nuances corporais mapeadas por seus espaços. Pois, na sua luta de presentificar-se, a eternidade se faz nas imprevisibilidades das relações que se dão das ações postas pelo permitir-se a escuta. O silenciar se obriga a dar-se nesse ato de escuta por esse corpo que dança na mais profunda de sua violação.

O que é esse presentificar-se, trazer o nomear, senão o encontro de uma dinâmica silenciosa que torna todo movimento possível? Por desvelar-se por forças atuantes, potências latentes, por um jogo dos questionamentos das atitudes perante a escuta do corpo-intérprete em ação, movimento, ele se torna poesia. Abre-se em palco de dizeres das escutas do encontrar-se nas forças atuantes, dinamizadoras, postas ao pulsar silencioso de um movimento que revela o que é possível tornar-se movimento no corpo-intérprete.

No abismo dos questionamentos, o mergulho não nos faz despencar no vazio, no nunca, mas na possibilidade de sobressaltá-lo, atravessá-lo, sobrevoando por entre ele, presenciando-se a partir dele. Nomeando o pouso e repouso do silencioso estar em poesia, isto que, no silente se dá como força da batalha travada na violência desse intérprete-corpo, se chamaria dança.

Referências Bibliográficas:

- CASTRO, Manuel Antônio de. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.
- FAGUNDES, Igor. "Linguagem". Rio de Janeiro, Mimeo, 2013a.
- FAGUNDES, Igor. "Interpretar". Rio de Janeiro, Mimeo, 2013b.
- FORAIN, Felipe. "Um Mergulho no Silêncio". In: PESSANHA, Fabio Santana (org.). *Poética e Diálogo: caminhos de pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.